



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO **AUDIÊNCIA GERAL** Pátio São Dâmaso

Quarta-feira, 12 de maio de 2021 **[Multimídia]**

Catequese - 33. *O combate da oração*

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Sinto-me feliz por retomar este encontro face a face, pois digo-vos uma coisa: não é agradável falar em frente de nada, em frente de uma câmara. Não é agradável. E agora, depois de tantos meses, graças à coragem de monsenhor Sapienza – que disse: “Não, façamo-la ali” – estamos aqui reunidos. Muito bem, monsenhor Sapienza! Encontrar o povo, encontrar-vos, cada um com a própria história, pessoas que vêm de todas as partes, da Itália, dos Estados Unidos, da Colômbia, depois aquela pequena equipa de futebol de quatro irmãozinhos suíços – penso – estão ali... quatro. Falta a irmãzinha, esperemos que ela chegue... E ver cada um de vós dá-me prazer, porque somos todos irmãos no Senhor e olhar uns para os outros ajuda-nos a rezar uns pelos outros. Até as pessoas que estão longe, mas que se fazem sempre próximas. A sœur Geneviève, que não pode faltar, que vem dum Parque diversões, pessoas que trabalham: são muitas e estão todas aqui. Obrigado pela vossa presença e pela vossa visita. Levai a mensagem do Papa a todos. A mensagem do Papa é que rezo por todos, e peço que rezeis por mim unidos em oração.

E por falar em oração, a oração cristã, como toda a vida cristã, não é um “passeio”. Nenhum dos grandes orantes que encontramos na Bíblia e na história da Igreja teve uma oração “confortável”. Sim, podemos rezar como os papagaios – blá-blá-blá – mas isto não é oração. A oração certamente concede uma grande paz, mas através de uma luta interior, por vezes dura, que pode acompanhar até longos períodos da vida. Rezar não é algo fácil e por isso fugimos da oração.

Cada vez que a queremos fazer, de repente lembramos de outras atividades, que naquele momento parecem mais importantes e urgentes. Isto acontece também a mim: vou rezar um pouco... E não, devo fazer isto e aquilo... Fugimos da oração, não sei porquê, mas é assim. Quase sempre, depois de termos adiado a oração, percebemos que aquelas coisas não eram absolutamente essenciais, e que talvez tenhamos desperdiçado tempo. O Inimigo engana-nos deste modo.

Todos os homens e mulheres de Deus relatam não só a alegria da oração, mas também o desconforto e o cansaço que ela pode provocar: por vezes é uma luta difícil respeitar os tempos e as formas de oração. Alguns santos levaram-na a cabo durante anos sem experimentar qualquer gosto por ela, sem se aperceberem da sua utilidade. O silêncio, a oração e a concentração são exercícios difíceis, e por vezes a natureza humana rebela-se. Preferiríamos estar em qualquer outra parte do mundo, mas não ali, naquele banco de igreja a rezar. Quem quiser rezar deve lembrar-se de que a fé não é fácil, e por vezes procede na quase total obscuridade, sem pontos de referência. Há momentos da vida de fé que são obscuros e por isso alguns Santos definiu-os: “A noite escura”, pois não se sente nada. Mas eu continuo a rezar.

O *Catecismo* enumera uma longa lista de inimigos da oração, aqueles que tornam difícil rezar, que põem dificuldades (cf. nn. 2726-2728). Alguns duvidam que a oração possa realmente alcançar o Todo-Poderoso: por que permanece Deus em silêncio? Se Deus é Onnipotente, poderia dizer duas palavras e pôr fim à história. Perante a intangibilidade do divino, outros suspeitam que a oração é uma mera operação psicológica; algo que pode ser útil, mas que não é verdadeiro nem necessário: poder-se-ia até ser praticante sem ser crente. E assim por diante, muitas explicações.

Contudo, os piores inimigos da oração estão dentro de nós. O *Catecismo* chama-os assim: «desânimo na aridez, tristeza por não dar tudo ao Senhor, porque temos “muitos bens”, decepção por não sermos atendidos segundo a nossa própria vontade, o nosso orgulho ferido que se endurece perante a nossa indignidade de pecadores, alergia à gratuidade da oração» (n. 2728). Trata-se claramente de uma lista sumária, que poderia ser aumentada.

O que fazer no tempo da tentação, quando tudo parece vacilar? Se olharmos para a história da espiritualidade, vemos imediatamente que os mestres da alma foram muito claros sobre a situação que descrevemos. Para a superar, cada um deles ofereceu alguma contribuição: uma palavra de sabedoria, ou uma sugestão para enfrentar tempos carregados de dificuldades. Não se trata de teorias elaboradas, não, mas de conselhos nascidos da experiência, que mostram a importância de resistir e perseverar na oração.

Seria interessante rever pelo menos alguns destes conselhos, porque cada um deles merece ser estudado em profundidade. Por exemplo, os *Exercícios espirituais* de Santo Inácio de Loyola são um livrete de grande sabedoria, que ensina como pôr a vida em ordem. Faz-nos compreender que a vocação cristã é militância, é decisão de estar sob a bandeira de Jesus Cristo e não sob a do diabo, procurando praticar o bem até quando se torna difícil.

Nos tempos de prova é bom lembrar que não estamos sozinhos, que alguém olha para nós e nos protege. Até Santo António Abade, fundador do monaquismo cristão, enfrentou momentos terríveis no Egito, quando a oração se tornou uma dura luta. O seu biógrafo Santo Atanásio, Bispo de Alexandria, narra que um dos piores episódios aconteceu ao Santo eremita por volta dos

trinta e cinco anos, a meia-idade que para muitas pessoas comporta uma crise. António ficou perturbado com aquela provação, mas resistiu. Quando finalmente voltou a sentir-se sereno, dirigiu-se ao seu Senhor com um tom quase de reprovação: «Onde estavas? Por que não vieste imediatamente para pôr fim aos meus sofrimentos?». E Jesus respondeu: «António, eu estava lá. Mas esperava para te ver combater» (*Vida de António*, 10). Lutar na oração. E muitas vezes a oração é uma luta. Lembro-me de algo que vivi de perto, quando estava na outra diocese. Havia um casal que tinha uma filha de nove anos com uma doença que os médicos não sabiam o que era. E finalmente, no hospital, o médico disse à mãe: “Senhora, chame o seu marido”. E o marido estava no trabalho; eram operários, trabalhavam todos os dias. E disse ao pai: “O bebé não vai superar a noite. É uma infeção, não há nada que podemos fazer”. Aquele homem, talvez não fosse à missa todos os domingos, mas tinha uma grande fé. Saiu a chorar, deixou a sua esposa com a criança no hospital, apanhou o comboio e fez a viagem de setenta quilómetros até à Basílica de Nossa Senhora de Luján, Padroeira da Argentina. E lá – a Basílica já estava fechada, eram quase dez horas da noite – ele agarrou-se às grades da Basílica e rezou toda a noite a Nossa Senhora, lutando pela saúde da sua filha. Isto não é uma fantasia; eu vi-o! Eu vivi isto. Aquele homem ali a lutar. No final, às seis horas da manhã, a igreja abriu-se e ele entrou para saudar Nossa Senhora: toda a noite “lutou”, e depois foi para casa. Quando chegou, procurou a sua esposa, mas não a encontrou, e pensou: “Ela foi embora. Não, Nossa Senhora não me pode fazer isto”. Depois encontrou-a, sorrindo e dizendo: “Mas não sei o que aconteceu; os médicos dizem que a situação mudou e agora está curada”. Aquele homem que lutava com a oração obteve a graça de Nossa Senhora. Nossa Senhora ouviu-o. E eu vi isto: a oração faz milagres, porque a oração vai direta ao centro da ternura de Deus que nos ama como um pai. E quando Ele não nos concede uma graça, dar-nos-á outra que veremos a seu tempo. Mas é sempre preciso lutar em oração para pedir uma graça. Sim, por vezes pedimos uma graça de que precisamos, mas pedimo-la assim, sem querer, sem lutar; não é assim que se pedem coisas sérias. A oração é uma batalha e o Senhor está sempre connosco.

Se num momento de cegueira não conseguirmos vislumbrar a sua presença, consegui-lo-emos no futuro. Também nós um dia poderemos repetir a frase que o patriarca Jacob disse certa vez: «Em verdade, o Senhor está neste lugar, e eu não o sabia!» (*Gn* 28, 16). No final da nossa vida, olhando para trás, também nós poderemos dizer: “Pensava que estava sozinho; não, não estava: Jesus estava comigo”. Todos poderemos dizer isto.

Saudações:

Saúdo cordialmente os fiéis de língua portuguesa. Amanhã lembramos com grande veneração Nossa Senhora de Fátima. Coloquemo-nos com confiança sob a Sua maternal proteção, especialmente quando encontramos dificuldades na nossa vida de oração. Que Deus vos abençoe!

Resumo da catequese do Santo Padre:

Nenhum dos grandes orantes, que encontramos na Bíblia e na História da Igreja, teve uma oração cômoda. Certamente a oração traz-nos grande paz, mas através de um combate interior, por vezes duro, que se pode arrastar por longos períodos de nossa vida. Rezar não é uma coisa fácil. Quando pensamos fazê-lo, subitamente nos vêm à mente tantas outras atividades que, naquele momento, nos parecem mais importantes e mais urgentes. Em certos períodos, é uma dura luta manter-se fiel aos tempos e aos compromissos da oração. Preferiríamos estar em qualquer outra parte do mundo e não ali, naquele banco da igreja, a rezar. Os piores inimigos da oração encontram-se dentro de nós mesmos, e o Catecismo os descreve assim: «desânimo na aridez; tristeza por não dar tudo ao Senhor, porque temos “muitos bens”; decepção por não sermos atendidos segundo a nossa própria vontade; o nosso orgulho ferido que se endurece perante a nossa indignidade de pecadores; alergia à gratuidade da oração». Nos tempos de prova faz bem recordar que não estamos sós: Jesus está sempre conosco! Ao final de nossa vida, voltando o nosso olhar para trás, poderemos dizer: “Pensava que estava só, mas não, não estava: Jesus estava comigo”.